

Em geral quando imaginamos quem seriam os discípulos de Jesus vem-nos à mente os doze apóstolos, os quais seguiam com Jesus pelas estradas da Palestina. Entretanto os Evangelhos exigem de nós uma necessária correção, pois devemos incluir todos os simpatizantes, amigos e colaboradores do movimento iniciado por Jesus, ao prover o grupo de hospedagem e de alimentação, sem falar naqueles que foram curados e recomendados a ficar onde estavam para ali anunciar os feitos de Jesus (Mc 5, 18-20). E mesmo entre os doze apóstolos nós encontramos pessoas de diversas índoles, limitadas e nem sempre coerentes, as quais Jesus teve que educar e formar ao longo das caminhadas. Portanto um grupo de seguidores não perfeitos, mas com as fragilidades próprias da condição humana: querendo ser os primeiros (Mc 9, 33s), os mais honrados (Mc 10, 37), lentos para compreender (Mc 8, 14-21), que fogem quando Jesus é preso (Mc 14,50) sendo que um deles chega a renega-lo (Mc 14, 66-72).

Assim se nos revela que Jesus não pretendeu uma seita de puros e perfeitos, como existia em seus dias na comunidade dos essênios, mas pregava que Deus era o Deus de todos, bons e maus (Mt 5, 45), embora exigisse mais dos que queriam partilhar sua vida itinerante (Mt 8, 18-22). Neste quadro de referência é que deve ser considerada a parábola do joio e do trigo que desfaz qualquer ilusão de um trigal perfeito sem a presença de ervas daninhas. Consequentemente nos desautoriza pensar numa Igreja sem falhas e imperfeições por parte de seus membros. Vejamos.

Igreja é a comunidade dos fiéis, dos que acreditam em Cristo e buscam pautar suas vidas por seus ensinamentos. Comunidade não de anjos, mas de seres humanos. Alguns deles viveram sua fé com coerência, dedicação, generosidade e até heroísmo, constituindo exemplos e estímulos para nós ainda hoje. Outros, por razões que não nos cabe julgar, de fato não vivem o batismo que receberam prejudicando a credibilidade da própria Igreja, como podemos constatar ao longo da história da Igreja, e ainda mais em nossos dias com os escândalos de pedofilia. Outros ainda se encontram afastados da vida eclesial, embora busquem às vezes algum sacramento, orientação de vida ou ajuda divina para seus problemas pessoais. Muitos ainda, carentes de uma adequada evangelização, vivem, entretanto, os valores cristãos numa religiosidade simples e devocional sem participar propriamente da vida eclesial.

Importante é observar que esta diversidade é inevitável em qualquer grupo humano. Pois o ser humano é alguém submetido a muitos condicionamentos provindos de seu contexto sociocultural, de suas experiências passadas, de suas pulsões e instintos corpóreos, das interpretações da realidade recebidas, corretas ou falsas. A liberdade não impera soberana, mas atua a partir do que somos no momento. Pois viver é uma caminhada, é um processo contínuo de amadurecimento: basta que olhemos para trás em nossas vidas, quando não tínhamos a força e a lucidez de que hoje dispomos. Os mestres espirituais nos ensinam que quanto mais avançamos na vivência cristã, tanto mais percebemos quão incoerentes, quão egoístas e quão julgadores éramos no passado.

Cada ser humano tem sua história, é único diante de Deus, e somente Deus o conhece realmente, Esforços heroicos podem estar submergidos numa vida aparentemente banal e fachadas piedosas podem encobrir um egoísmo de fundo nada cristão. Só Deus conhece o coração do homem (1 Sm 16,7; Rm 8,27) e sua história única e pessoal. Daí a advertência de Cristo: “Não julgueis, e não sereis julgados” (Mt 7,10). Podemos e devemos reprovar o pecado, mas não o pecador, porque só Deus sabe como ele chegou a cometê-lo.

Devemos saber aceitar a Igreja, não a idealizada, mas a real, que é santa e pecadora. Devemos reconhecê-la como nossa mãe e nossa mestra, pois foi através dela que chegamos a Jesus Cristo, que dá sentido e força à nossa vida. Igreja significa nossos pais, parentes, educadores, pessoas significativas para nós, os santos e as santas nossos modelos, nosso grupo de vida, caminantes não perfeitos, trigo misturado ao joio, como também cada um de nós não é só trigo, nós que afinal constituímos a Igreja. Afinal ela perdura através dos séculos porque o Espírito Santo a vivifica, Ele que atua em cada um de nós que somos Igreja, apesar das nossas resistências.

MMF